

Ermírio acha que seria uma 'guerra civil'

"Moratória é uma palavra extremamente pesada. E pelo fato de o Brasil depender em 75% do óleo importado, a moratória seria quase a assinatura de uma guerra civil, que ninguém deseja." Essa declaração foi feita ontem no Palácio dos Bandeirantes, pelo empresário Antônio Ermírio de Moraes, ao comentar a posição de alguns setores, favoráveis a uma declaração unilateral de moratória por parte de autoridades brasileiras.

Antônio Ermírio de Moraes disse que negar as conseqüências de uma declaração de moratória é atestar o desconhecimento da realidade geológica brasileira: "Na hora em que você tivesse, não a falta de gasolina nos fins de semana, mas do óleo combustível para produzir bens essenciais, aí o País entraria num parafuso indesejável".

O empresário paulista lembrou ainda as advertências feitas por ele, há dois anos, quando manifestou a necessidade de o País reformular ou renegociar a sua dívida externa: "Como resposta, recebi inúmeras mensagens de desacordo. Algumas bem escritas, outras até em mau português e incisivas. Mas, infelizmente, aconteceu aquilo que eu previa".

DOCUMENTO

Com relação ao documento entregue pelos empresários ao presidente em exercício, Antônio Ermírio de Moraes espera que antes de o governo dar uma resposta, leia-o, medite e reflita: "Não se trata de um documento sensacionalista e não é uma declaração de guerra a ninguém. É um documento para profunda meditação". Ele discordou ainda da interpretação dada ao documento pelo ministro Delfim Netto, do Planejamento.

Delfim Netto encarou o documento como uma manifestação política e, por isso, informou que merecia uma análise também política. Mas essa não é a opinião de Antônio Ermírio de Moraes: "Acredito que o ministro, homem muito ocupado, não deve ter tido tempo para meditar a respeito do documento, mesmo porque ele precisa ser lido com calma. Porém, acho que o documento se refere muito mais à parte econômica que à política".